

Especulação, redenção e transmissão em uma leitura de *Além do princípio do prazer* de Sigmund Freud

Estevan de Negreiros Ketzer¹

Resumo: O presente artigo apresenta uma leitura contributiva acerca do trabalho de Freud, intitulado *Além do princípio do prazer*. Nesta leitura, convocamos as contribuições atuais que o trabalho de Freud deixou presentes na própria psicanálise. Também propomos a leitura dessa obra como importante contributo para a transmissão da psicanálise, ao esbater pulsões de vida e de morte. Por fim, realizamos uma breve explanação de suas consequências culturais.

Palavras-chave: Psicanálise. Pulsão. Morte. Transmissão. Vida.

Para Eneida Cardoso Braga

“A vida é a morte”

Claude Bernard, em *Leçons sur les phénomènes de la vie communs aux animaux et aux végétaux*

“A relação com a morte, mais antiga que qualquer experiência, não é uma visão do ser ou do nada. A intencionalidade não é o segredo do humano. Morte: a mortalidade exigida pela duração do tempo.”

Emmanuel Levinas, em *Dieu, la mort et le temps*

¹ Psicólogo clínico, professor e escritor. Doutor em Letras (PUCRS). Coordenador do Comitê Científico “Psicologia e Cultura” na Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRGS).

Introdução

Por esta missão que chamamos vida e por uma ruptura que chamamos morte. Os dois no mesmo ciclo de interferências, na base de operações que passam pelas gerações. Freud não despeja seu legado somente entre os psicanalistas, mas o faz como percepção da natureza das próprias coisas encostando em si mesmas. Somente o natural é real, mas e o cultural? E o que nos resta a fazer com a fantasia que sobra após toda a concretude do real?

São essas algumas das propostas de leitura que propomos ao texto *Além do princípio do prazer*, de autoria de Sigmund Freud (1920/1976c). O presente artigo também é uma homenagem às diversas contribuições de Sigmund Freud. Uma delas é a própria simplicidade de sua leitura, sem deixar de trazer questões complexas no bojo de suas considerações entre *Eros e Tânatos*, ou seja, vida e morte. A passagem da psicanálise para a vida, no instante em que a morte se aloja, é parte do desafio dos psicanalistas em deixarem um legado, continuidade histórica e pedagógica, aos próximos psicanalistas. Estamos aqui implicados nesse engajamento, cuja sua real função ainda é se fazer transmissão como testemunho vivo de uma vivência emocional genuína tanto em nós quanto em nossos pacientes (Ferro, 2011).

Neste trabalho, não seremos pretensiosos com uma mera explicitação teórica, mas traremos o não dito como fato de uma comunicação sem palavras. No entanto, no horizonte de serem incorporações de coisas não nomináveis serão, portanto, somente palavras integradas parcialmente. É no deixar de rastros que tanto o passado quanto o futuro se reúnem no enigmático texto de Freud. Com isso, faz-se justiça ao legado da transmissão e também se tenta dar um último instante de respiro aos ideais dos psicanalistas, infelizmente, ainda muito mais crédulos de fé e de repetições de fórmulas do que realmente inspirados pela criação de novas linguagens em contato.

A Morte Desloca a Vida

Expressaríamos nossa gratidão a qualquer teoria filosófica ou psicológica que pudesse informar-nos sobre o significado dos sentimentos de prazer e desprazer que atuam tão imperativamente sobre nós. (Freud, 1920/1976c, p. 17)

Gratidão que um cientista tem pela tradição que o acompanha. Freud parece, de algum modo, grato à ciência por poder falar de um vitalismo tal como no conceito de pulsão do ego, necessidade inata dos seres. Freud parece mais grato à vida pela capacidade de jogar dúvidas às aparentes certezas de seu tempo.

Decidimos relacionar o prazer e o desprazer à quantidade de excitação presente na mente, mas que não se encontra de maneira alguma 'vinculada', e relacioná-los de tal modo, que o desprazer corresponda a um aumento na quantidade de excitação, e o prazer, a uma diminuição. (Freud, 1920/1976c, p. 18)

Ao manter um princípio de entalpia no sistema, um princípio advindo da física, é possível atingir certa objetividade e harmonia para pensar. Esse pensamento inclui também refletir sobre um tipo de prazer que possa estar em equilíbrio ao invés de se entregar aos excessos, desprezando nomenclaturas, lugares ou referências que a mente disciplinada domina rapidamente. Por essa razão, uma leitura de Freud como um conservador-liberal pode incomodar a muitos. Seu interesse em manter a ciência é também uma ciência do futuro, disposta a essa perda de hemisfério e a um lugar do homem a partir da natureza que o concebeu ainda pouco esclarecido, mesmo em nossa época.

Maturana & Varela (2001) nos conduzem para além do trabalho psicanalítico até o lugar de uma ciência do comportamento, não apenas restrito ao humano. Os autores chilenos observam atentamente que um comportamento é uma expressão mais complexa do que um gesto humano possa dar conta. As explicações dos autores parecem conversar com uma ciência que extrapola os limites da cognição para dar vida a um sistema de pensamento interdependente. Reforçamos a importância do diálogo de Freud com a ciência contemporânea e, uma vez que houve um desencontro de ambas as partes por décadas, também é nosso intento realizar uma aproximação tímida no escopo de nosso escrito. Isso porque as tentativas de transformar a psicanálise em uma ciência, seja do ponto de vista formal-matemático, seja empírico-positivo, também acabam chegando à uma hermenêutica. O conhecimento meramente formal, que se alçou dos anos de 1950 até 1970, só terá espaço se restituir seu significado em uma prática, um fazer, uma ação restituidora de sua intencionalidade enquanto objeto capaz de emitir respostas às indagações presentes. Isso envolve justamente o problema de estar diante da natureza alheia, ainda que com vontade em fazer desse reconhecimento uma proposta de estar com o outro.

Cegos diante dessa transcendência de nossos atos, pretendemos que o mundo tenha um devir independente de nós, que justifique nossa irresponsabilidade por eles. Confundimos a imagem que buscamos projetar, o papel que representamos, com o ser que verdadeiramente construímos no nosso ver cotidiano. (Maturana & Varela, 2001, p. 271)

Ver o que está em *relação* ao libertar a essência fundamental das coisas mundanas em sua expressão. Isso exige sair do pensamento categorial e buscar

as consequências de uma deriva filogenética, na qual conservar e adaptar-se aparecem em um acoplamento cognitivo estrutural. Posto que a *relação* entre os seres é complexa, devemos nos questionar acerca do que ela possa comportar e transformar. É parte do próprio fenômeno o gesto transformador quando conectado às necessidades do outro. Por essa razão, trazemos o termo epigenético como parte do nosso transcurso cultural que visa a transformações de nível primevo, genético (Freitas-Silva & Ortega, 2014).

Ainda que essa proposta seja lançada também ao futuro das novas adaptações, não nos parece mera fragilidade de pensamento o modo especulativo de Freud ao entregar-se ao darwinismo para trazer a origem da vida mais uma vez ao ponto que nossa consciência não consegue perceber².

O momento de reflexão diante do espelho é sempre muito peculiar, porque nele podemos tomar consciência do que, sobre nós mesmos, não é possível ver de nenhuma outra maneira: como quando revelamos o ponto cego, que nos mostra a nossa própria estrutura, e como quando suprimimos a cegueira que ela ocasiona, preenchendo o vazio. A reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são respectivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos. (Maturana & Varela, 2001, pp. 29-30)

Então a exigência biológica nos mostra o quanto conhecer o ato de conhecer, metacognição, é o tabu da civilização, das formas religiosas condensadas em leis rígidas que dificultam a transposição da barreira e não nos auxiliam nesta alucinação, peça-chave do encontro com o sonho, isto é, esbatimento do acesso às chaves do inconsciente. Esse interesse de Freud sobre a percepção humana e suas condições, dada a necessidade do corpo e sua atividade psicossomática, parecem essenciais naquele período. “A maior parte do desprazer que experimentamos é um desprazer perceptivo. Esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão (*Drang*) por parte de instintos (*Trieb*) insatisfeitos” (Freud, 1920/1976c, p. 22). Eis o ponto que a pulsão não encontra seu destino, atrapalhada em sua visão difusa entre o horizonte da satisfação e o dever da consciência. Momento da alucinação, da criação, reinvenção ou destruição. É o medo que emerge de seu sistema interrompido. Nascer desse perigoso ponto de corte com o que se deve então simbolizar, cair na fantasia, *fort-da*, da brincadeira como última esperança de redenção diante de um mundo distorcido.

² É digno de nota a importância do trabalho de Sandor Ferenczi (1993) em seu estudo intitulado *Thalassa*, ensaio sobre a teoria da genitalidade, de 1924, escrito durante a Primeira Guerra Mundial, cujo mote apresenta as formas nas quais a germinação pode ser encontrada na natureza através de ovulações e hormônios, adiantando já a ideia de plasticidade e mimetismo tão cara a Freud na escrita de *Além do princípio do prazer*.

Freud reconhece justamente a dificuldade de trazer essa coisa representada por via de uma comunicação. Cairá na resistência e na negativa, sem forma em relação ao conteúdo, problema da transmissão se a relação não possuir algum engajamento da dupla. É por ser realmente a dificuldade de transmitir o que excede a palavra na relação o desafio da psicanálise, seja em supervisões, na passagem do conhecimento em aula, seja atendendo em consultório, seu desafio é sempre na proporção do infinito. “O paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha reprimido” (Freud, 1920/1976c, p. 31). Para além da memória também como princípio, o paciente não acessa afetivamente o que esteve lá em seu passado. Não por nada essa é a grande demanda de nossos pacientes, como bem expressou Thomas Ogden (1997). Um conjunto de elementos que se reúnem em uma “perturbação da economia narcísica”³ (M’Uzan, 1977, p. 105) por estarem inseridos em processos de captura (*saisissement*), margeando o estético (Rech & Ketzer, 2017). Não menor é para nós o quanto esse neobiologismo engloba a integração com as neurociências atuais, como bem expressou Mark Solms e sua esposa Karen Kaplan-Solms (2005), referências atuais no estudo da neuropsicanálise.

Nessa conjuntura de consequências do que entendemos por relação com o paciente, ao expressarmos algo que é genuíno desse relacionamento, estamos proporcionando uma transformação final (*Tab*): “representar a representação verbal do analista referente a uma experiência emocional” (Bion, 2004, p. 53). Nesse momento da criação de achados particulares, ainda um modo de aproximar-se e afastar-se, tal como a angústia pela separação da mãe, envolve a dificuldade de nomear. E se insere aí a necessidade do tratamento fortalecer os vínculos da pessoa.

A ligação pelo negativo

Não é nosso intuito retomar o texto de Freud, mas sim explorar algumas circunstâncias de seu texto que podem nos trazer para pensar a relação ambígua entre prazer e desprazer na constituição psíquica. O psicanalista egípcio André Green pontua a questão que, para nós, é de máxima importância e, portanto, a colocamos na íntegra:

. . . qual a função que poderia desempenhar o papel correspondente de representante da pulsão de morte, lembrando que para ele a autodestruição é sua expressão fundamental, enquanto a heterodestruição constitui apenas uma tentativa de aliviar a tensão interna, ponto de vista contestado por muitas teorias pós-freudianas? (Green, 2010, pp. 97-98)

3 Tradução nossa do original em francês.

A preocupação do psicanalista é olhar o trabalho de Freud, *Além do princípio do prazer*, como um sistema indissociável interno à dinâmica do funcionamento das pulsões “de modo que a perda do objeto não deixe o Eu em um estado de degradação completa, sem outra saída, a não ser mergulhar no desespero” (Green, 2010, p. 79). Trata-se da ilusão de uma separação formal entre sujeito e objeto, ilusão formalizada pelo Eu em busca de uma redenção consciente e preventiva aos modos que ele não concebe racionalmente. Não seria também a ilusão da modernidade em sua perseguição pela totalidade do conhecimento? Todas essas identificações inflacionam o Eu e lhe prometem a felicidade.

A ligação pelo negativo exige um novo tratamento, tanto terminológico quanto clínico. No princípio, o prazer também é preservativo ao organismo, e esse fato guia as pulsações internas do sujeito para o caminho do objeto idealizado. Não apenas o objeto se constitui como uma totalidade organizada, mas aquilo que ele um dia teve como pura desorganização também passa a ser deixado de lado, recalçado, escondido dele mesmo. O segredo dos segredos pode ser encontrado em uma coisa dita organizada? Mesmo que mais tarde ele venha a adquirir o princípio da realidade, aprendendo a adiar a satisfação plena, o prazer terá de se dobrar, tornar-se outra coisa de si mesmo. O desprazer também terá um ponto cego e a mera impressão dessa transformação *per se*, por si mesmo, é parcial pela via de um pensamento consciente. O que faz a dor gemer, no mais obscuro dos níveis, terá lugar na história de vida das pessoas?

Freud evita especular muito acerca do pensamento filosófico, evita pensar sobre algo de incalculável diante da perda sem proporções no narcisismo humano. Olhar o texto freudiano de perto nos coloca diante de uma dificuldade interessante pelo ponto de vista de Jacques Derrida, filósofo argelino, em sua leitura atenta do texto freudiano, *Para além do princípio do prazer*:

A evitação da filosofia está mais ativa do que nunca, mais deliberada também, mais circunspecta na “especulação”. Especulação: o que Freud nomeia assim reúne toda a dificuldade que me interessa aqui. O que a filosofia *não tem a ver* com a “especulação” psicanalítica? E por que esta última faria escrever sob o modo de atese, por exemplo, no *Além...*? Quem terá especulado? Sobre o quê? Sobre quem? O que terá engajado? O que se terá deixado engajar em tal especulação? (Derrida, 2007, p. 293)

Colocar questões aqui nos proporciona a tensão da espera, do que não se tem como esperar, espera por um prazer delirante, prazer impossível, de uma realização completa e absoluta. Desliga e liga para que possa haver algum tipo de pensamento essencial no princípio de toda a psicanálise. Sem a questão que

engaja a energia no objeto, deslocando o fluxo da fluidez, saindo da ordem do possível para a paixão impossível. Onde tudo é vida e morte ao mesmo tempo, pois o corpo que sente a pulsação já perdeu há muito a consciência da suposta origem desse estalido. Esse resquício de natureza bruta caminha por um objeto perdido, muito embora o corpo o vivencie loucamente como uma palavra sem sentido na lousa da imaginação: *Não sei quem me sonho...*, verso famoso do poeta Fernando Pessoa, ele mesmo, em seu poema “Chuva oblíqua”, de 1914. A questão que exige uma parada imediata, uma suspensão da metafísica presente nas coisas para um retorno implicado, responsabilidade iminente sobre o que nos atinge durante a expressão do inconsciente. *Não sei quem me sonho* é a medida que nos leva à desmedida da razão. Logo, podemos pensar: “*Wo Es war, soll Ich werden*”, Do isso o eu deve advir⁴ (Freud, 1933/1976d, p. 102). Nossas palavras poderiam sonhar verdadeiramente? No sonho, a ideia de quem é o sonhador se confunde precisamente com o objeto sonhado. Lá, quando num pulo repentinamente, despencamos de um abismo e uma estranha sensação de não ter chão nos desperta: quando a pergunta *Quem sou eu?* passa irremediavelmente pela pergunta *O que desejo eu?*, que faz querer que o outro me deseje. O que me engaja nesse querer? Um fazer a partir desse ideal de eu mil estilhaços vulneráveis e decadentes. Perguntar traria algum consolo nesse caso? Aprender a perguntar traria à vida alguma resposta?

Um sonho é também uma janela sobre a qual, no mínimo, nossa pergunta deve se referir se a abrimos ou fechamos durante o sono. Por essa razão, a interpretação de Cathy Caruth (2000) se mostra tão peculiar ao seguir os passos de Jacques Lacan (2008) ao questionar o sonho do capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*, de Freud (1900/1976b). Freud se pergunta por que o pai sonha enquanto seu filho jovem é velado no quarto ao lado. Durante o sonho, ele vê seu filho pegar fogo. “Enquanto o sonho parece mostrar a realidade do incêndio do lado de fora, ele, de fato, esconde a realidade da morte da criança, sugere Freud. O sonho transforma portanto morte em vida e o faz paradoxalmente, com as próprias palavras que se referem à realidade do incêndio.” (Caruth, 2000, p. 115). Lá onde Freud se pergunta *Por que o homem dormiu?*, Lacan pergunta *Por que o homem despertou?* – isso torna a ideia de um sonho como protetor da consciência, geração de uma outra realidade.

Mas o filho morto pegando seu pai pelo braço, visão atroz, designa um mais-além que se faz ouvir no sonho. O desejo aí se presentifica pela perda imajada ao ponto mais

⁴ Esta tradução é nossa, portanto não consta no texto traduzido pela edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.

cruel, do objeto. É no sonho somente que se pode dar esse encontro verdadeiramente único. Só um rito, um ato sempre repetido, pode comemorar esse encontro imemorable – pois que ninguém pode dizer o que seja a morte de um filho – senão o pai enquanto pai – isto é, nenhum ser consciente. (Lacan, 2008, p. 63)

E por essa razão também a transmissão da psicanálise estaria de algum modo resguardada do senso comum da consciência, e seu lastro de vulgaridade do desinteresse de sua real natureza. Na imaginação, seria ainda a possibilidade de dar luz a não apenas uma proteção como queria Freud, parte do narcisismo primário, mas a uma carga de independência, *enigma* – como prefere Lacan ao voltar-se, ele também, para a falta do objeto e a percepção como o desejo do olho, para além da função escopofílica, a entrada de um objeto que engana a percepção, apoderando-se dela, mas dando vida ao desejo. Portanto, dá vida a esse desejo, corpo que deseja, negação utilitária da consciência, alcançando assim uma sóbria e idealizada atitude realística. É como ruptura desse paradigma que o sistema psicanalítico deveria se verter entre o conceito de *Eros e Tânatos*, presente em *Além do princípio do prazer*, e não recair sobre a exaurida mitologia dos gregos, que perde por completo seu horizonte de explicitação diante do trabalho aqui estudado. “A perda do amor e o fracasso deixam atrás de si um dano permanente à autoconsideração, sob a forma de uma cicatriz narcísica” (Freud, 1920/1976c, p. 34). Um homem então começa a esmorecer, liga-se à precariedade de ir em busca de seu desejo, achando então que a realidade é mais forte do que sua capacidade de fantasiar.

E se não fosse ousadia da criança em seu gesto para dar conta das ansiedades, fantasiar o vivo no morto, como na ideia do objeto transicional de D. W. Winnicott (1975), em que o representado (*Fort*) em seu gesto de *saída para fora* visa permitir que o Eu que seja apresentado (*Da*), no lugar do *aí* ou do *lá*, como forma de lidar com o sofrimento. *Lá onde as coisas precisam sair*. Repetir o objeto que não somos capazes de ver como objeto. Na narrativa infantil, essa coisa advinda do inconsciente aparece com mais natureza, isto é, é mais natural do que algo de fora de sua criação. Há nesse fazer-se aparecer-desaparecer mais do que a ideia de Eu suporta conhecer pela mecânica das ações conscientes. É bem longe de si mesmo que ela elabora o objeto para perto de si. E aqui temos algo importante que fala acerca da transmissão da psicanálise: é fora de nós que tentamos ser nós mesmos. Ponto importante sem o qual a teoria psicanalítica não teria mais força ou amparo de dentro de sua ruína após a Primeira Guerra Mundial e o desespero de Freud ao ver seu filho podendo não voltar mais, contando também a morte de sua filha, Sophie (Gay, 2012).

A Liberdade Tensa da Energia

“A consciência surge em vez de um traço de memória” (Freud, 1920/1976c, p. 41). Onde o prazer é o escudo diante de um instante externo perturbador. A barreira de facilitação (*Bahnung*) entre os neurônios, haja visto o *Projeto para a uma psicologia científica* (Freud, 1950/1976a), aponta-nos o problema quantitativo da descarga de energia em busca da homeostase. Energias do ego em direção a um controle ou a um alimento para as pulsões sexuais? Nesse imbróglcio emaranhado de noções, Freud também faz questão de manter sua dúvida ativa (David-Ménard, 2015).

Essas considerações nos ajudam a mostrar a complexidade do tema e sua atualidade, propondo um espaço para a fluidez energética. Até que ponto essa liberdade pode ser comparada com o destino da pulsão de morte? Morrer estaria de fato como um anátema da vida? Essa é uma grande perturbação que os antecessores de Freud, Bernard e Bichat, levam adiante (Bilbao & Ruz, 2017). O desligamento contraria um sistema em que a pulsão estaria ligada ao corpo vivo, pois agora ela está ligada a outro elemento externo: a realidade que evoca a vida em seu maior apelo. A morte traz a vida exatamente quando ela se faz necessária na sua vontade de germinação. Freud entende que há coisas que geram ansiedade, perigo de dano, levando à morte, ansiedade primeva, depositada na caixa preta do inconsciente. O primitivo quer realmente um deslocamento em alguma região mais interna ao nosso cérebro, passando pelos tecidos nervosos e chegando ao arrebatamento dos sentidos. Hoje, os neurocientistas prestam atenção à amígdala e sua função de labilidade afetiva. Freud recorre à ideia de que a consciência é mais superficial do que esta profundidade, “um atributo mais universal dos processos mentais, mas apenas uma função especial deles” (Freud, 1920/1976c, p. 39). A consciência estando no meio do processo inconsciente atrapalha o entendimento mais claro do processo inconsciente. O inconsciente é uma faixa que “deixa atrás de si um traço permanente” (Freud, 1920/1976c, p. 40). O que o consciente entende por memória é algo que o inconsciente irá tomar em outros termos. A necessidade de uma terminologia que dê conta de uma intemporalidade se faz urgente. Mas como falar do que está sem nome e que, quando vem à tona, despreza a realidade? Freud está atento antes de tudo para o fato de que a mente faz projeções para se ver livre do desprazer.

Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação (Freud, 1920/1976c, p. 45).

O corpo cria a defesa, coloca no físico, mas a consciência parece apartada do acontecimento envolvido nessa reação quase automática. O automatismo do movimento inconsciente protege a consciência do afeto. A neurose protege a consciência de estar integrada ao Eu, por isso aparecem os sintomas e os sonhos, para que neles as coisas tomem um lugar alucinatório já que o Eu não suporta conflitar-se com o entendimento afetivo que advém deles. Para Freud, os sonhos “simplesmente substituem a realização de desejo proibida pela punição adequada a ela, isto é, realizam o desejo do sentimento de culpa que é a reação ao impulso repudiado” (Freud, 1920/1976c, p. 48). Essa descarga escolhe um objeto que está deslocado com relação à referência propriamente dita consciente. “No inconsciente, as catexias podem com facilidade ser completamente transferidas, deslocadas e condensadas” (Freud, 1920/1976c, p. 51). O processo que liga o primitivo ao elaborado é o ponto em questão do inconsciente. Algo se repete como o *fort-da* infantil, numa tentativa de trazer o sossego. A obsessão que liga o sintoma ao seu objeto de desejo insatisfeito. A parte orgânica possui uma plasticidade a ponto de não apenas pela repetição estabelecer o prazer, mas também restabelecer o que foi perdido, o anterior do prazer, ou seja, o que cessa toda a atividade formadora de movimentos afetivos é convocado a aparecer. O vivo parece abandonar algo de si próprio para uma evolução mais complexa. Será essa a tensão dos seres vivos, lá do princípio em que as coisas não possuíam animação, nem sopro (*animus*), nem entendimento, pois a substância viva criava e apagava, perdia sua vitalidade e, por fim, morria: “o instinto⁵ a retornar ao estado inanimado” (Freud, 1920/1976c, p. 56). A morte, enquanto um anátema da vida, só terá sentido dentro de um ser vivo. A morte é reativa à vida e sobre esse princípio é que se questiona o que vem de muito longínquo no tempo, o tempo limite das coisas indiferenciadas, lá onde estamos mais próximos dos animais, tão esquecidos quanto possamos pensar a respeito de nós mesmos, reprimindo ao máximo a tensão desse tempo aqui não explicitado por Freud. Afinal, há um tempo para viver e um tempo para morrer. Suas consequências diferem temporalmente entre si. O que faz parar esse ciclo evolutivo? O questionamento nos faz pensar em algo do *além*, um *além* como resposta, *além* da solução, um problema sobre a finitude do ser humano que percebe a atuação do tempo, o intervalo infinito e sem racionalidade suficiente para se fazer entender por meios lógicos simplificados. A dissolução das coisas não seria um processo narcisista de toda a natureza? Criar para barrar a fronteira que impede a vida de se fazer

⁵ Neste caso, estamos lendo a palavra alemão *instinkt*, propriamente dita, e não a ideia de pulsão (*trieb*). Freud parece recorrer justamente à ideia de que antes da pulsão o instinto é a natureza propriamente dita dos seres vivos, a hereditariedade dos seres vivos desligada de psiquismo. (Laplanche & Pontalis, 1970)

entender; entender para barrar a fronteira do ininteligível e, assim, investir a energia em coisas sempre inconclusas.

No frigidar dos ovos, no tempo do limiar, estamos todos inconclusos e, ainda assim, há sempre aqueles que temem sua própria morte antes de sentirem a vida do outro. Somente quando o outro desaparece é que começamos a prestar atenção a nós mesmos. Disse Levinas (1983, p. 59) em *O tempo e o outro*: “Quando a morte está aqui, eu não estou mais, não porque eu não sou nada, mas porque eu não sou o mesmo para captá-la”. Para o filósofo lituano, a morte está aqui o tempo todo, vigiando o ser que terá de se confrontar com o outro. Por essa razão, a morte não é anônima. Numa suposta esperança de imortalidade é que nós estamos vivendo numa dicotomia impossível de ser expressa. Esse postulado nitidamente critica o dualismo explícito do texto freudiano. “Nossa consciência nos comunica sentimentos provindos de dentro que não são apenas prazer e desprazer, mas também de uma tensão peculiar que, por sua vez, tanto pode ser agradável quanto desagradável” (Freud, 1920/1976c, p. 84). A vida é perceptível durante o tempo em que se vive, mas a morte não possui essa percepção. A morte é muito silenciosa em seu trabalho e implica um trabalho dignamente psicanalítico, isto é, para além de qualquer princípio que enclausure uma concepção ou uma fala em uma verdade sem a participação do paciente. Ser paciente diante da morte, isso será possível? Esperança de ao menos olhar para a morte, no tempo em que ela chega, em suas palavras sem som, silenciosas, em seus efeitos lentos e na condição de habitar junto à vida um lugar de interrogação genuína sobre o desconhecido que nos habita.

Conclusão

Esta foi uma tentativa de realçar o enigmático estudo de Freud, propondo também a contribuição intrínseca relacionada à transmissão da psicanálise. Este breve estudo enfatiza elementos que precisam estar em relação não apenas com a obra freudiana, mas com o mundo e a sua produção cultural. E, ainda, destaca os princípios que a clínica aborda, em sua estrutura de pensamento, e a crise dessa estrutura para nascer dali uma abordagem clínica ampliada, afetiva, cognitiva, integrada, como bem esboçam os atuais estudos nessa área (Young, 2008; Cozolino, 2006; Schore, 2016; Malabou, 2012; Solms & Kaplan-Solms, 2005), que se aproxima do trabalho da psicanálise de forma a renová-la, realçando os aspectos positivos da relação transferencial e da tomada de consciência da contratransferência. Com isso, queremos ainda mais trazer Freud para perto do mundo circundante do qual ele bebeu de inúmeras fontes e também influenciou de modo avassalador (Gay, 2012).

Empreendemos neste artigo uma breve, porém necessária, abordagem do legado que se construiu através da dúvida. A possibilidade de duvidar que, por vezes, encontra o erro na sua tentativa de acerto, passa definitivamente pelas emoções, aproxima-se da ética, renasce na estética, aponta para o futuro sem, contudo, obliterar o passado. O passado como o legado de uma construção social na qual a psicanálise ainda influencia o mundo da cultura, despertando o interesse e também o que somente a realidade não dá conta. Nesse sentido, temos em mira a transmissão da psicanálise em um nível muito maior, recaindo sobre a formação cultural, sobre como lidamos com o prazer, com a germinação de um prazer genuíno por uma esperança de redenção em uma era em que o homem ainda é o ser mais desconhecido para si mesmo (Rosenzweig, 1997). Talvez, nesse desalinho obrigatório de nossa era, à espera de uma catástrofe iminente, 2020, à beira da Terceira Guerra Mundial; tal como no tempo de Freud, em 1920, após a Primeira Guerra Mundial, justamente o contexto em que surge o contundente texto de Franz Rosenzweig. Esses momentos exigem coragem também para especular o futuro/passado assombroso da humanidade, quando o canto dos mortos nos faz tremer, pois neles olhamos nós mesmos atônitos pelo terror.

Por fim, Freud contrapõe a vida e a morte. A solução e o ultrapassamento do problema. Ele vive como parte de seu indiscutível desafio de produzir a morte na vida com o advento do sexo em nossa civilização. E como é natural temer também o desejo, o que se pode obter dele, seja no sonho, seja na realidade, a parte sonhada da realidade do sonho, ou o mundo vivido de nossas aflições neuróticas. Por essa razão, é importante reler Freud um pouco mais além dos princípios.

Speculation, redemption and transmission in a reading of Beyond the pleasure principle by Sigmund Freud

Abstract: This article presents a contributory reading about Freud's work, entitled Beyond the Pleasure Principle. In this reading, we call upon the current contributions that Freud's work left present in psychoanalysis itself. We also propose the reading of this work as an important contribution to the transmission of psychoanalysis, by blurring drives of life and death. Finally, we provide a brief explanation of its cultural consequences.

Keywords: Drive. Death. Life. Psychoanalysis. Transmission.

Referências

- Bilbao, A., & Ruz, F. H. (2017). Hacia una teoría antivital, antihomeostática y antiadaptativa de la vida en Freud: el trabajo del concepto de pulsión. *Tempo Psicanalítico*, 49(2), 258-280. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200012&lng=pt&tlng=es.
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: Do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Cozolino, L. (2006). *The neuroscience of the human relationship: Attachment and the developing social brain*. New York: W.W. Norton & Company.
- David-Ménard, M. (2015). Como ler Além do princípio do prazer? (B. Maranhão, Trad.). *Reverso*, 69(37), 99-112. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952015000100011&lng=pt&tlng=pt
- Derrida, J. (2007). *O cartão-postal: De Sócrates a Freud e além* (A. V. Lessa, & S. Perelson, Trans.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferenczi, S. (1993). Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade. In. *Obras completas de Sándor Ferenczi* (Vol. 3). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferro, A. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções*. Porto Alegre: Artmed.
- Freitas-Silva, L. R., & Ortega, F. J. G. (2014). A epigenética como nova hipótese etiológica no campo psiquiátrico contemporâneo. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 24(3), 765-786. Retirado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312014000300006>
- Freud, S. (1976a). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)
- Freud, S. (1976b) A interpretação dos sonhos. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1976c) Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (1976d) A dissecação da personalidade psíquica, conferência XXXI. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Gay, P. (2012). *Freud: Uma vida para o nosso tempo* (D. Bottmann, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J-B. (1970). *Vocabulário de psicanálise*. Santos: Martins Fontes.
- Levinas, E. (1983). *Le temps et l'autre*. Paris: Fata Morgana.
- Malabou, C. (2012). *The New Wounded: From neurosis to brain damage*. New York: Fordham University Press.
- Maturana, H., & Varela, F. J. (2001). *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana* (H. Mariotti, & L. Diskin, Trans.). São Paulo: Palas Athena.
- M'Uzan, M. (1977). *De l'art et la mort*. Paris: Gallimard.
- Ogden, T. (1997). *Reverie and interpretation: Sensing something human*. New Jersey: Jason Aronson Inc.
- Rech, M., & Ketzer, E. N. (2017). Estranhamento e sensorialidade na experiência da psicanálise. *Revista Polêmica*, 17, 68-83.
- Rosenzweig, F. (1997). *La estrella de la redención* (M. Garcia-Baró, Trad.). Salamanca: Ediciones Sígueme.
- Schore, A. (2016). *Affect regulation and the origin of the self: The neurobiology of emotional development*. New York: Routledge.
- Solms, M. & Kaplan-Solms, K. (2005). *Estudos clínicos em neuropsicanálise: Introdução a uma neuropsicologia profunda* (B. T. Zimmerman, Trad.). São Paulo: Lemos Editorial.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Young, J. E. (2008). *Terapia do esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 28/01/2020

Aceito em: 15/04/2020

Estevan de Negreiros Ketzer
Rua Dona Laura, 228 sala 501
90430-090 – Porto Alegre – RS – Brasil
Email: estevanketzer@gmail.com